

DE ONDE VEM E PARA ONDE VAI A TEORIA LITERÁRIA:  
DESAFIOS DA ATUALIDADE<sup>1</sup>

HANS ULRICH GUMBRECHT, Ph.D.  
Stanford University  
Stanford, California, Estados Unidos  
sepp@stanford.edu

RESUMO: Nem a “crítica literária” e nem a “teoria literária” existiram desde sempre e em todos os lugares – pelo contrário, como práticas e instituições intelectuais ambas possuem inícios históricos e locais bem específicos. Esta palestra tentará reconstruir estas origens tanto na versão europeia quanto na brasileira, levando-nos à seguinte questão: será que hoje, em circunstâncias muito diversas daquelas observadas em seus princípios, a crítica literária e a teoria literária teriam chance (e acima de tudo, uma boa razão) para sobreviver?

Palavras-chave: Crítica literária. Teoria literária. Epistemologia.

Autor convidado.

---

<sup>1</sup> Palestra de abertura do X Seminário de Pesquisa e II Encontro Internacional da UNIANDRADE e VII Jornada Intermídia. Palestra transcrita pela Prof.<sup>a</sup> Greicy Pinto Bellin e aprovada pelo Prof. Hans Ulrich Gumbrecht.

## THE ORIGINS AND DESTINIES OF LITERARY THEORY: CURRENT CHALLENGES

**ABSTRACT:** Neither "Literary Criticism" nor "Literary Theory" have existed forever and everywhere – on the contrary, as intellectual institutions and practices they both had very specific historical and local beginnings. The lecture will try to reconstruct these origins both in their European and in their Brazilian version – and thus lead to the question whether today, under cultural and epistemological circumstances very different from their beginnings, Literary Criticism and Literary Theory have a chance (and above all: a good reason) to survive.

**Key words:** Literary Criticism. Literary Theory. Epistemology.

Gostaria de começar com uma aclaração muito básica: eu não vou usar crítica literária e teoria literária como sinônimos. Quando falo de crítica literária, e eu vou falar bastante também de crítica literária, estou falando de uma instituição acadêmica, uma disciplina acadêmica que se originou na segunda década do século XIX, quando surgiram as primeiras cátedras dedicadas à literatura em qualquer universidade do mundo. Durante o primeiro século da crítica literária, o século XIX (que acho que foi o século de glória da crítica literária como instituição), não existia a teoria literária. A primeira teoria literária que tinha consciência dessa teoria da literatura, e tinha consciência de ser uma subdisciplina no interior da crítica literária realmente emergiu ao redor de 1900 à base de uma crise, a primeira crise profunda da crítica literária. A primeira vez que se falou de teoria da literatura foi realmente na Rússia, uma Rússia ainda antissoviética, ao redor de 1913. Então, são duas coisas diferentes.

A temática da palestra vai ser, sobretudo, teoria literária, mas não se consegue falar de teoria literária sem falar de seu contorno, que é a crítica literária. Historicamente, são duas unidades, duas instituições bem diferentes. E antes de continuar, gostaria também de falar da improbabilidade da existência daquela instituição. Imaginem que, basicamente, tematizar a literatura é tematizar uma interação que é um jogo, um jogo no sentido sociológico, e que normalmente os participantes de um jogo não tem uma ideia muito clara de sua motivação.

Porque vamos ler literatura? Porque gostamos de literatura, ou para se informar, mas é bem diferente de ler uma instrução para fazer uma declaração de impostos, por exemplo, e é bem diferente de ler um manual de medicina. Então, nesse sentido, a comunicação literária é um jogo, e eu acho que é muito improvável, e só existe na cultura ocidental, uma disciplina acadêmica que dá salários para 20 mil pessoas mundialmente baseando-se em um jogo. Isso quer dizer que existe uma improbabilidade, uma existência precária. Eu acho que temos razão em proteger, em tentar evoluir aquele legado, um legado improvável e acho, um legado sempre precário para sobreviver, só para comemorar aquela coisa.

Mas realmente gostaria de entrar na matéria do meu ponto de vista, que é um ponto de vista gringo porque sou cidadão americano e já estou há trinta anos trabalhando nos Estados Unidos. Vou falar sobre um momento de hoje, da crítica literária e da teoria literária, uma visão instantânea do ângulo norte-americano e europeu, mas também vou bastante ao Brasil. Então, a situação é uma mistura. Eu diria, em primeiro lugar, é uma situação de um decréscimo. O número de alunos querendo fazer carreiras de mestrado e de doutoramento internacionalmente, em matéria de literatura, é menor do que costumava ver há vinte, trinta anos atrás. Também, com exceção da UNIANDRADE, é mais difícil, hoje em dia, obter financiamentos para atividades de pesquisa e ensino da literatura. É triste, mas é assim. Em segundo lugar, e muito triste para mim, estamos vivendo um momento sem grandes estrelas na crítica literária. Eu, com setenta anos, não tenho a possibilidade de emergir como grande estrela; já é tarde demais, mas aquelas estrelas tipo Harold Bloom, Derrida e Foucault não existem hoje, uma situação menos cristalizada neste sentido. Talvez até se podia dizer que estamos vivendo, na teoria literária, um momento de estagnação. Existia aquele terceiro quarto do século XX em que houve uma explosão de teorias, uma virada de paradigmas. Eu acho que, desde nos anos 90, já não houve uma virada de paradigmas no contexto da teoria da literatura. Até se poderia dizer que a teoria da literatura, a crítica literária para amanhã já não existe. Ninguém fora da crítica literária vai perceber porque a ressonância que conseguimos hoje é mínima, inclusive aqueles anos políticos da minha geração, da geração de 1968, de revolução dos alunos, em que pensávamos que talvez, baseando-se em uma análise literária, podia-se fazer política. Este é um sonho dourado, um sonho doido, segundo vocês acharem, mas em todo o caso ninguém acredita nisto hoje. Mas, ao mesmo tempo, eu diria que, apesar desta situação não de crise, mas talvez quase deprimente comparando com vinte, trinta anos atrás, eu acho que o nível médio intelectual do trabalho realizado hoje é bem mais alto do que se costumava dizer. Eu acho um doutorado hoje normalmente melhor do que costumava ser na minha geração, mas as possibilidades de conseguir empregos acadêmicos permanentes é muito menor. É a realidade da situação.

Ao mesmo tempo, para dar uma pequena esperança, vi uma situação específica em Stanford. Vou contar não uma anedota, mas foi o seguinte. Cinco

anos atrás, os nossos colegas do departamento de *computer science* propunham fazer, como *minor*, qualquer matéria de literatura: literatura comparada, literatura inglesa, literatura alemã, literatura inglesa, etc. E hoje em dia, este programa de *major/minor* existe, não muito popular mas muito viável, mas os nossos colegas de *computer science* confirmam que a elite dos seus alunos normalmente está fazendo um *major/minor* sobretudo em literatura comparada. E eu antigamente achava que estavam fazendo isso como uma coisa de relaxamento, mas ao contrário. Isto é super interessante, e valeria a pena fazer outra palestra sobre isso, mas eles, os jovens craques, as jovens estrelas de *computer science* estão convencidos de que fazer teoria literária, fazer filosofia continental, vai melhorando a sua capacidade de, entre aspas, “escrever códigos” e programar. Isto eu acho super interessante. Talvez aquela presença periférica no sentido positivo, aquela combinação com ciência, com engenharia, com medicina, com business, com direito, pode ser um futuro tanto para os departamentos de literatura como para as ciências humanas. Agora, gostaria de convidar vocês a comparar esta descrição que é uma mistura, bem pessimista mas não totalmente, com a situação, hoje em dia, no Brasil, e vou falar da situação do Brasil neste momento.

Bom, antes, e muito tipicamente alemão (já não tenho cidadania alemã, mas sou muito típico alemão, porque as premissas de minhas palestras sempre duram muito tempo). A última premissa, como falam os meus alunos em *Silicon Valley*, é o menu da palestra. Eu vou tomar muito a sério o título, de onde vem e para onde vai hoje em dia a teoria da literatura, porque a palestra vai ter três partes. A primeira parte vai ser completamente histórica: de onde vem a teoria da literatura? Vou falar, em um primeiro momento, da emergência histórica da crítica literária ao redor de 1800. Logo, vou mencionar brevemente aquela idade de glória, século XIX, e aquela crise primeira da crítica literária que foi a origem para a emergência da teoria literária. E, sobretudo, vou me concentrar naquele momento explosivo, terceiro quarto do século XX, que foi realmente o apogeu da história da teoria literária, e não necessariamente a crítica literária, e vou chegar àquele momento de estagnação. Na segunda parte, parte de transição, eu vou me concentrar na história da crítica literária e, no interior da crítica literária, teoria literária no Brasil, onde a primeira crítica literária institucional e acadêmica começa com um atraso comparativo muito grande no meio do século XX com Afrânio Coutinho, o primeiro professor canonizado, famoso, praticando crítica literária sem teoria literária. Poderia se dizer que talvez o primeiro teórico brasileiro de literatura de reputação mundial foi meu amigo Luiz Costa Lima, que está vivo ainda. Então isto é bem recente, uma história caracterizada pela proximidade não tanto da filosofia no Brasil, mas da antropologia, uma história que também levou, sobretudo na obra do Costa Lima, nos alunos deles, a um nível mundialmente reconhecido. A obra do Costa Lima se concentrando sobre a teoria da *mimesis* e da ficção é, até hoje em dia, muito altamente canonizada.

Então, é uma história estranha, uma história muito breve, uma história de não muita concentração, mas que chegou a um nível extraordinário em tempo muito breve no Brasil.

Na última parte, a segunda parte do meu título, vou me ocupar de um possível futuro da teoria literária. Vou começar falando de uma certa volta, hoje em dia, ao conceito de literatura que se tinha substituído ao final do século XX, sobretudo o conceito de cultura. Hoje voltamos a falar mais de literatura, hoje nos concentramos mais nos aspectos estéticos da literatura do que nunca antes. Então, vou tentar analisar e processar isto, e vou acabar com uma proposta quase utópica, para um futuro específico, um impulso específico de teoria literária no contexto brasileiro de hoje sem dizer o que vai ser isto, para vocês prestarem atenção até o final.

Como originou a crítica literária? Antigamente, se falava que a crítica literária começa com Aristóteles, com a *Poética*, mas a cultura grega antiga não tinha um conceito de literatura. Não era evidente, para Aristóteles, que a tragédia nada tinha que ver com a poesia. Então, não existia literatura. Realmente, tem um começo histórico certo, que é o século XIX, e porque? Eu acho que a emergência da crítica literária tem a ver com uma inovação nas sociedades pós-revolução burguesa, revolução burguesa na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, porque, pela primeira vez na história ocidental, existia uma imagem normativa da sociedade. E aquela imagem normativa de sociedade, criada do Iluminismo, da Revolução Burguesa, foi uma promessa para o cidadão, e cidadão também seria um conceito novo. Mas, muito cedo, os cidadãos descobriram que existia uma tensão, uma promessa não cumprida, entre aquela promessa e a realidade diária. E precisamente esta tensão, esta contradição, este não-cumprimento da promessa dava uma nova posição, uma nova função social à cultura geral, e especificamente à literatura. E aquela função foi, em primeiro lugar, de compensação. A literatura dava, oferecia ao leitor cidadão o que a promessa não mantida não oferecia, e isto era compensação. A literatura também funcionou como mediatização no sentido de tentar convencer os cidadãos que a atenção à realidade não era tão grande. E finalmente, também se usou literatura, desde o princípio do século XIX, para ilustrar aquela imagem normativa da sociedade. Eu acho que foi a base destas duas funções, segurando o funcionamento da literatura como compensação, como pedagogia da literatura, mas também extrair motivos literários para ilustrar uma sociedade ideal que se institucionalizou pela primeira vez nos anos 10 do século XIX na Universidade de Marburgo, na Alemanha, uma universidade tradicionalmente muito boa, mas hoje bem chata, ao norte de Frankfurt, 30 quilômetros.

Na Universidade de Marburgo, havia duas cátedras de literatura alemã, o que é interessante em um momento em que a Alemanha, enquanto instituição política, não existia. A Alemanha só começou a existir em 1871, mas já existia isso. Então, para fazer aquela pedagogia da literatura, é interessante que um dos

dois primeiros catedráticos titulares foi um dos dois irmãos Grimm. Você sabem que as lendas são resultado de uma pesquisa, uma pesquisa pré-acadêmica. Mas o irmão Wilhem Grimm, o mais velho, foi um dos primeiros titulares. Era fazer aquela pedagogia de literatura e usar literatura para ilustrar a imagem idealizada da sociedade. Fica claro isto? Talvez vocês achem que estou errando, mas compreendem o que estou dizendo.

Então, o que acho interessante é que, desde o início, existiam dois padrões diferentes da crítica literária, e estou ainda falando sobre crítica literária. Nos países que estavam saindo de uma revolução burguesa bem-sucedida, sobretudo Inglaterra e França, se usava qualquer literatura, de qualquer nação e de qualquer passado para ilustrar aquela imagem ideal da literatura. O fundador institucional da crítica literária na Inglaterra, Matthew Arnold, foi ex-professor de segundo grau, pedagogo, e logo, fundador da crítica literária na Universidade de Oxford. Ele falou e estou citando: usamos literatura de qualquer idade e qualquer nação para ilustrar o que é uma boa sociedade, para ilustrar o que é uma boa moralidade. Ao contrário, naqueles países que não tinham uma revolução burguesa bem sucedida, como na Alemanha, sobretudo, mas também a Espanha e a Itália, para ter uma imagem ideal da sociedade, se teria que voltar ao passado, e isto é, precisamente, o que chamamos de romantismo. Os irmãos Grimm voltaram ao passado alemão para ter uma imagem normativa para uma Alemanha de futuro. Agora, aquela volta ao passado cria condições diferentes de pesquisa. Alguém que tem um projeto de ler textos alemães do século X deve saber filologia para reconstruir textos, para fazer edições; deve ser capaz de ler aquela linguagem, deve ser capaz de uma imersão histórica naquele mundo do século X, século XII. Isto se explica porque na tradição alemã, desde o início, se falava na ciência literária, quando até hoje, em inglês, falar de ciência da literatura seria um oxímoro. Fala-se de crítica literária, *literary criticism*. Fica claro? Então são dois padrões, mas este seria outro tema interessante para desenvolver, aquele contraste na tradição.

Em todo o caso, os dois padrões tinham a sua idade de glória, sem dúvida nenhuma, no século XIX, em que, na sociedade burguesa, gradualmente substituíam a religião pela cultura como horizonte normativo. E podemos dizer que durante o século XIX, nas nações europeias, existia aquela substituição, e não o desaparecimento, da religião pela cultura; pense nas óperas de Richard Wagner, por exemplo. Então, as disciplinas, como, sobretudo, a crítica literária, mas também a história da arte, a musicologia, eram uma quase teologia, uma quase teologia da cultura. Este foi um momento grande, sem dúvida, a idade de ouro da crítica literária. O prestígio foi muito grande. Até a última década do século XIX, imaginem um intelectual como Friedrich Nietzsche, quando dúvidas já apareceram sobre se realmente a literatura era capaz de desenvolver uma imagem normativa de uma vida, uma imagem normativa como deveria ser uma nação. Nietzsche não foi o único; só estou falando de uma figura emblemática

daquele clima intelectual do final do século XIX. E de repente, existiam perguntas novas, que nunca tinham existido na idade de glória da crítica literária, como, por exemplo: qual é a função da crítica literária? Ou qual o conceito de literatura que estamos usando para nos basear para ser uma disciplina? Ou, qual seria a relação entre a história da literatura, a história da arte, a história econômica, política, etc, e mais perguntas.

Agora, neste momento de crise, aquelas novas perguntas eram precisamente o novo campo no interior da crítica literária da teoria da literatura. É interessante que a primeira teoria da literatura que se chama de teoria da literatura é um grupo de russos jovens, ao redor de Roman Jakobson, em St. Petersburgo nos anos 13, 14, três anos antes da Revolução Soviética. Não tem nada a ver com União Soviética, mas é aquele momento criticando a tradição russa de fazer uma história da literatura nacional para fazer de forma mais científica. Percebem porque estou falando que a teoria literária saiu com atraso de cem anos da crítica literária, como uma reação a uma crise? E talvez se poderia dizer que, desde então, paradoxalmente, a teoria literária sempre tematizou a crise eterna da crítica literária, e tem contribuído para a sobrevivência da crítica literária. Falando permanentemente de uma crise, você vai mantendo a instituição que está em crise. Eu diria que, fundamentalmente, a teoria literária tem aquele status paradoxal. Apenas vou mencionar brevemente o lapso da teoria literária tanto no contexto soviético, como no contexto nazista alemão, e acho o contexto nazista alemão muito pior do que o contexto soviético, um lapso no padrão no modelo de século XIX porque, para só mencionar o caso alemão, a nova tarefa da ciência literária alemã desde 1933 foi o de provar a superioridade racial dos arianos baseando-se na literatura. Existe uma obra absolutamente horrível, em algumas bibliotecas (e já estou falando do nazismo, chamando Adolf Hitler), com contribuições de germanistas excelentes, uma obra em coletânea, provando a superioridade racial ariana, produzido para os oficiais da invasão da União Soviética durante a Segunda Guerra Mundial, da superioridade racial alemã baseando-se na literatura alemã. Este é realmente o pecado original da crítica literária e da teoria da literatura. Em reação a isto, na metade do século XX, ao menos no contexto ocidental, existiu uma reconcentração sobre a textualidade, o que se chama, no contexto inglês, de *New Criticism*, o que se chama, na Suíça e na Alemanha, de imanentismo na interpretação literária, e Afrânio Coutinho, no Brasil, é daquele momento, o primeiro crítico literário que não é da teoria da literatura. Mas, surpreendentemente, depois disto, eu citaria uma obra iniciadora, impulsionadora deste movimento de explosão de teoria da literatura que foi a obra de Claude Lévi-Strauss, de 1959, e não foi a primeira obra dele, *Antropologia Estrutural*. Isso já teve uma ressonância enorme na crítica literária, levou a uma transformação da crítica literária em teoria literária. Então, já existia uma quantidade de viradas, de novos paradigmas, seguido de um neo-

marxismo e neo-freudianismo sobretudo na América do Sul. País prometido do Dr. Freud, o Brasil e a Argentina, ainda mais. As duas cidades mais psicoanalizadas do mundo são, nesta ordem, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Eu acho muito interessante, mas ninguém sabe exatamente porque é assim.

Mas depois deste desconstrutivismo, desde o ano grande de Derrida, 1966, logo Foucault, seguido por uma volta mais rigorosa aos estudos da mídia, e temos intermedialidade como tema da teoria literária graças a isto, que levou, finalmente, àquele momento de pesquisas teóricas sobre identidade, identidades na literatura, identidade de gênero, identidades, entre aspas, étnicas, culturais, identidades também, sobretudo no Brasil, culturais. E depois disto, nova continuação. Agora, quais são as conclusões que podemos dar a esta história, e estou falando da história da teoria da literatura, àquela explosão? O que acho interessante, em primeiro lugar, é um feito que, durante um breve meio século, eu diria desde, mais ou menos, 1960 até 1990, a teoria literária, campo pequeno, foi o palco, o teatro central das ciências humanas. Ninguém conseguia ter uma ressonância mundial, internacional e global sem ter tido sucesso no palco, no teatro da teoria da literatura. Foi o caso de Derrida; Derrida não foi de teoria da literatura, ele foi de filosofia, especialista em filosofia russa, mas a ressonância internacional começa no departamento de literatura da John Hopkins University, Estados Unidos, e a mesma coisa com Foucault. Eu diria que Foucault é um candidato para ser o maior historiador do século XX, mas o sucesso do Foucault, sociologicamente falando, está fundado na literatura, mesma coisa com Claude Lévi-Strauss. É interessante e difícil de explicar, mas existia aquele momento de apogeu, em que realmente aquele campo pequeno da teoria da literatura é central para as ciências humanas. Eu acho que isto também explica porque tínhamos a tendência, na teoria literária, de substituir progressivamente a concentração sobre o conceito de literatura, e a teoria literária nunca conseguiu propor um conceito de literatura tanto meta-histórico quanto transcultural e substituir aquele conceito pelo conceito de cultura. As pessoas de minha geração, e eu devo ser o mais velho naquele espaço hoje, se lembram ainda de quando tudo era, de repente, cultura, estudos culturais. Agora isto já está desaparecendo e existe uma certa volta à literatura. Não estou falando de pior ou melhor, mas interessante.

Mas sobretudo, e queria chegar a isto, nós temos aquele momento de estagnação desde os anos 90. Desde os anos 90 já não houve mudança de paradigma, depois das teorias de identidade. Até agora, não houve uma grande inovação na teoria da literatura. Qual seria a razão? Eu diria, talvez, que tenha duas ou três interpretações. Em primeiro lugar existia, naquele grande momento da teoria literária, uma assumida legitimidade de fazer teoria literária por causa de um desejo de teoria. Era justamente e suficientemente dizer: eu gosto de fazer teoria literária. Tudo bem, mas fora das ciências humanas, fora das nossas disciplinas, isso parece estranho, e parece mais estranho uma coisa como o

desconstrutivismo; eu nunca tenho sido desconstrutivista, acho interessante, mas historiograficamente, acho super estranho uma frase como a que diziam: não existe realidade fora do texto. Nós, mais ou menos, compreendemos o que queria dizer Derrida, mas imaginem o meu pai, que foi urologista, dizer para ele que não existia realidade fora de um texto seria uma loucura absoluta. E também acho que isto é pior, porque existia, no contexto das teorias de identidade, uma nova tendência problemática de usar literatura para ilustrar posições politicamente corretas. Não há nada ilegítimo em ilustrar um ponto de vista feminista na literatura, mas eu acho que se está subestimando a complexidade da literatura, subestimando o potencial intelectual de uma leitura tanto teórica quanto interpretativa, como a hermenêutica de um texto literário. Então, e acho que por causa disto a teoria literária ainda existe, mas existe parada, naquele estado de quase estagnação.

Então gostaria de falar agora da parte intermediária: a situação brasileira. Então, como acontece a situação brasileira? Desde a primeira articulação, Antonio Candido teria dito formação, de uma literatura nacional no império brasileiro, Alencar, por exemplo, com romances que somente tentam propor uma alegoria da nação emergente, e Machado de Assis, muito cedo, em um nível internacionalmente fantástico. Eu acho que os cinco grandes romances de Machado não tem comparação mundialmente, muito cedo, e é ainda mais estranho que é um autor mulato, absolutamente fantástico. Mas também logo o Modernismo brasileiro nos anos 20 independente, logo Guimarães Rosa, João Cabral... é realmente uma literatura bem gloriosa, bem importante na autoconsciência coletiva brasileira, mas não existia uma instituição acadêmica acompanhando isto, sobretudo pela falta de uma universidade porque não existia uma universidade. É interessante que existiam núcleos para se discutir literatura ao redor das escolas de Direito no Brasil, mas o que é interessante como fato acadêmico é que, na fundação da USP, nos anos 30, não houve, em um primeiro momento, um departamento de literatura. A USP iniciou uma tradição acadêmica de se falar de literatura; sem dúvida nenhuma, a USP tem a glória da origem da crítica literária brasileira mas não em um momento de fundação. E neste sentido eu diria, talvez por casualidade, que o primeiro professor brasileiro com uma certa reputação de crítico literário foi realmente o Afrânio Coutinho, nos anos 40 e 50. Afrânio Coutinho, que sempre estou associando uma *stimmung*, com um clima de Cosme Velho, uma burguesia muito virtuosa, uma burguesia muito rica que pode se permitir escolher ser professor de literatura. E o próximo passo ainda não foi a teoria da literatura; o próximo passo foi, realmente, na USP, uma aproximação mais ou menos marxista, do tipo lukácsiana, à tradição da literatura brasileira. É interessante e bastante sério, anos 50, 60 na USP se articula o neo-marxismo no Brasil, mas que não quer ser, e nem é, teoria da literatura. Eu diria que a teoria da literatura no Brasil começa no momento da recepção do estruturalismo de Lévi-Strauss na literatura. Acho que meu amigo Costa Lima é um dos primeiros, e

muito jovens, fazendo isto. Ele era doutorando de Antonio Candido, outro historiador de literatura sem fazer teoria.

O Candido lançou aquela teoria historiográfica interessante de fazer pesquisa sobre a formação da literatura brasileira (interessante, mas uma proposta nunca cumprida no Brasil). Ainda não existe aquele livro proposto do Antonio Candido, da formação da literatura brasileira, da emergência da literatura brasileira, e seria uma coisa interessante. Mas teoria literária começa, eu acho, com uma recepção do Lévi-Strauss com o primeiro estruturalismo, realmente naquele momento dos anos 60 e 70. Então, realmente acho interessante que aqueles núcleos muito restritos, e estou falando do Costa Lima porque estou muito familiarizado com a obra dele, ele também é um grande amigo, mas, por exemplo, a sua concentração é difícil de ler. Ele não é um grande escritor, é um grande pensador. Ler os livros de Costa Lima é difícil, a página tem peso, mas o pensamento dele é muito importante. Existe um momento nos anos 70 e 80, quando emerge aquela reflexão do Costa Lima sobre o conceito de *mimesis*, sobre representação literária, sobre ficcionalidade, de seu grupo da PUC do RIO, as quais estão internacionalmente lidas e traduzidas. Então, existe aquele momento muito produtivo na teoria literária brasileira, e eu diria que, internacionalmente, a glória da crítica literária brasileira é menos histórica mas tem aquele breve momento de uma alta produtividade de teoria literária.

Hoje em dia, e não sei se vai ser uma crítica bem-vinda, e vou falar disto no final da palestra, acho que existe uma ameaça, na crítica literária brasileira, e na história literária brasileira, de uma paralisação por causa da correção política. Eu acho que, hoje em dia, existe uma práxis onipresente, com proibição de ficar criticada, de ilustrar coisas de superioridade de proletariado, de superioridade de literatura nordestina, e estou falando assim por casualidade, para ilustrar a literatura. Há uma volta, eu diria, ao início da crítica literária, sem a consciência disto, de usar textos literários para ilustrações de alegorias políticas. Pessoalmente, não tenho muito nada contra aquela correção política, até às vezes concordo, às vezes não, mas intelectualmente, e para falar agressivamente, não merece salários se provar isto. Eu já sei que existe uma superioridade grega, feminismo é a mesma coisa, então vou escolher a literatura que vai ilustrar isto. Se um país for enormemente rico e sem alunos, seria tudo enormemente legítimo, mas é um risco para o tempo dos alunos. Também não é o que eu acho que deve ser as ciências humanas; eu chamo de *pensamento com risco*, como se fala na imprensa americana: *to think outside the box*, o de propor pensamentos, argumentos, possibilidades, trajetórias que não se conseguem pensar na vida diária. Quando precisamente o que está fazendo aquela crítica politicamente correta é repetir, recuperar uma posição política que já existe, sobretudo, no contexto do PT, mas não sou do PT. Se já existe, eu não compreendo porque tem que repetir e enfatizar isto. É uma crítica direita demais, mas eu acho que existe

um perigo, um risco de estagnação neste sentido, de uma continuidade de estagnação.

Mas para não acabar como profeta pessimista, e eu, basicamente, sou muito pessimista visceralmente, mas não se percebe. Vou passar já à última parte. Qual seria um futuro possível, mais da teoria literária do que da crítica literária, geralmente falando? Agora vou começar com uma observação interessante. Antigamente, no terceiro quarto do século XX, quando se falava muito de mudanças de paradigma na teoria literária, do paradigma neo-marxista, paradigma freudiano, paradigma desconstrutivista, etc, e hoje é mais interessante se falar, modestamente, de viradas, de *turns*, por exemplo, virada espacial, descobrimento do espaço na obra do Guimarães Rosa. E uma das viradas é a virada filológica, e eu acho aquela virada filológica, a concentração na literariedade do texto, não um renascimento daquela filologia clássica (e não clássica no sentido da Antiguidade grega, mas filologia do século XIX), porque a filologia do século XIX foi uma filologia de edição de textos, por exemplo, produzir um texto crítico, uma edição crítica de *Memorial de Aires*, que é o meu romance preferido de Machado de Assis. Hoje em dia, aquela nova filologia, aquela atenção prestada à textualidade, à literariedade do texto tem uma motivação diferente que eu chamaria de estética, quer dizer: extrair, perceber, descrever melhor os elementos que fazem o impacto estético do texto, por exemplo, uma nova atenção à prosódia quando se fala de poesia. E foi interessante ontem, em uma palestra de tema semelhante mas não igual, na UFPR, em que a discussão foi centrada em prosódia; todo o mundo queria falar disto. É interessante porque representa aquela volta à estética, e talvez nem seja uma volta; talvez seja a primeira vez, na história da crítica literária e da teoria literária que existe uma concentração na estética neste sentido.

Vou precisar de mais dois minutos para explicar, mas tenho uma proposta interessante. Eu diria que o que a gente chama de experiência estética é um fenômeno bem histórico. A palavra *aesthesis* é uma palavra grega que quer dizer “percepção”, no grego antigo. Mas não existia um conceito de estética, de experiência estética na Antiguidade grega, quando só é suficiente ler Aristóteles, a *Poética*, que não fala de experiência estética: fala de moralidade, de estruturas de narrativa na tragédia, fala da purificação da alma, mas a estética não existe. Eu diria que a estética, a experiência estética começa a se articular, e o primeiro autor que usa o conceito de estética é um mestrando alemão chamado Baumgart nos anos 30 do século XVIII. Mas já existia na França, no século XVII, uma forma de falar, *un je ne sais quoi*, ou *eu não sei que coisa é*, que também fazia alusão à experiência estética. E qual foi aquela experiência estética? Eu diria que, desde o século em que dominava absolutamente o espírito, *the mind*, e não o corpo, não a sensualidade, então, situações das quais não se podia eliminar a sensualidade eram excepcionais. Isto é recitação de poesia, porque a recitação de poesia necessariamente tem semântica mas ao mesmo tempo tem,

inevitavelmente, efeitos prosódicos, então, chamamos isto de experiência estética. A mesma coisa uma pintura, e até uma pintura com conteúdo tem semântica, tem representação, mas a gente sabe muito bem que uma pintura do Rembrandt tem mais do que semântica, tem mais do que representação, é uma coisa diferente, uma fotografia. Então eu diria que, hoje em dia, na autorreferência dominante do último século XX, do primeiro século XXI, nas culturais ocidentais, existe, por razões muito complicadas de explicar, mas existe uma volta, uma nova concentração na dimensão somática, corporal da existência humana na práxis diária.

Vou dar um exemplo: a primeira vez que estive no Rio de Janeiro foi com 18 anos em 1966. Eu estive em um hotel, que ainda existe em Copacabana, Ouro Preto, e olhando pela minha janela, em um domingo de manhã, eu vi uma pessoa apenas fazendo *cooper*, fazendo *jogging*. Hoje em dia, em um domingo em Copacabana, são 20 mil pessoas já às seis horas da manhã, aquela preocupação não só com o esporte das mídias, mas aquela preocupação de fazer *exercise*, uma coisa nova. Ao mesmo tempo, existe, na reflexão filosófica, na reflexão das ciências culturais, das ciências humanas, um sentimento experimental de reintegrar efeitos corporais, por exemplo, o prestar atenção à prosódia. Então, eu acho que aquela nova concentração sobre literatura, não só hermeneuticamente, no sentido de interpretação e identificação dos sentidos, da mensagem, entre aspas, mas prestar mais atenção aos efeitos estéticos é uma coisa nova, uma coisa que acho interessante, uma coisa da qual participo. Hoje em dia, quando dou aula de poesia, estou recitando muito mais do que costumava fazer vinte anos atrás. Isto é interessante mas eu acho que tem pouco a ver com teoria da literatura. Agora, poderíamos dizer ou que teoria da literatura já acabou, porque as instituições tem uma certa duração, e logo vão desaparecendo, e porque não?

Fui a uma visita, pela primeira vez na minha vida, em junho à Nova Zelândia, já pensando na palestra para a UNIANDRADE, porque de repente achei que isto poderia ser uma proposta, uma solução para o Brasil. E vou usar ainda cinco minutos para descrever aquela proposta quase utópica, que não existe no Brasil ainda (quase não existe) mas poderia existir no Brasil na base daquela tradição de se ter uma proximidade com a antropologia e a teoria literária. Existe, hoje em dia, na Nova Zelândia, um grande renascimento da cultura maori. A cultura maori é a cultura nativa da Nova Zelândia. Mais ou menos 30% da população da Nova Zelândia, que é muito pequena (são 4 milhões e meio), são maori. Existe hoje em dia um renascimento quase oficial, e não sei se vocês tem ouvido falar, ou visto aquela primeira-ministra, uma mulher super interessante, que tem 34 anos, é muito religiosa mas não casou e teve uma pequena criança recentemente. Estou mencionando porque eles fizeram um voto nacional sobre o nome da sua filha, e os três nomes propostos eram todos maori. E eu tenho a impressão de que isto acontece sem correção política, não é uma obrigação, porque entre a cultura maori e a cultura dos colonizadores ingleses nunca

existiu uma hierarquia. Nos anos 50 do século XIX, a coroa inglesa fazia, simultaneamente, contratos de dependência com os colonizadores ingleses e com as tribos, com as nações maori. E esta situação é assim até hoje em dia, pois não existe hierarquia. Basicamente, e demograficamente, a situação econômica dos maori é ligeiramente pior, mas não existe, também, a cordialidade, existe realmente uma igualdade histórica e nacional. Renascimento no sentido de que, em um dado momento, vinte por cento da população maori falava maori, e hoje em dia, oitenta por cento da população inteira da Nova Zelândia fala maori. Existem duas línguas oficiais nacionais. É uma situação semelhante à Catalunha; hoje em dia temos muito mais falantes de catalão, falantes nativos, do que costumava existir nos anos 50, 60. Isto existe, e é interessante. O caso mais impressionante é o hebraico, que não existia como o latim há anos atrás, e hoje em dia é uma língua cotidiana completamente normal.

Mas o que achei especificamente interessante em um colóquio sobre presença em Auckland, cidade ao norte da Nova Zelândia, é que existem cátedras de filosofia maori. Agora, cátedras de titulares de filosofia maori é uma coisa estranha porque não existe um discurso filosófico na cultura maori, e não existe conceito de filosofia. O que existe na cultura maori, até hoje em dia, são grandes tradições orais semelhantes às tradições nativas do território do Brasil. O que, então, está fazendo o filósofo maori, e não necessariamente um maori nativo, e sim, um especialista na filosofia maori? Eles estão analisando textos literários, épica, poesia, liturgia maori, porque acham que estes textos têm uma epistemologia, e às vezes, uma ontologia que é filosoficamente interessante. Para dar um exemplo, naqueles textos literários maori tem, inerente, uma epistemologia em que paisagem, montanhas, rios, territórios têm agência, são sujeitos jurídicos. E isto, já desde trinta anos atrás, tem tido uma influência sobre a legislação da Nova Zelândia, pois na Nova Zelândia uma montanha é um sujeito jurídico. Na Nova Zelândia, está proibido vender território historicamente maori não por uma razão econômica ou marxista, mas porque aquele território tem agência política, tem agência legal.

Então, o que eu dizia é o seguinte: ao invés de identificar aquelas epistemologias inerentes e as traduzir, adaptar à epistemologia ocidental dominante, o esforço da filosofia maori é precisamente o de enfatizar a diferença, a alteridade daquela proposta filosófica. Isto, precisamente, para mim seria um pensamento com risco, pensamento *outside the box*. Então, o meu sonho não-dourado, mas o meu sonho otimista para não o renascimento da teoria literária no Brasil mas um novo capítulo, seria um processo semelhante aqui no Brasil. Ao invés de fazer toda aquela eterna correção política, e ilustração de posições resistentes, se concentrar sobre tradições culturais nativas no Brasil, sobretudo talvez, mas não exclusivamente, no norte do Brasil, para tentar extrair epistemologias diferentes. E isto seria, então, o impacto político, uma ressonância virtual política interessante, completamente ao contrário da

estagnação e da paralisação da correção política. Então, não sei quanto tempo tenho ainda para viver, mas seria fantástico voltar um dia ao Brasil e ter o impulso de teoria literária junto com a antropologia neste sentido. Muito obrigado pela sua atenção.

HANS ULRICH GUMBRECHT é professor do Departamento de Literatura Comparada, Divisão de Literaturas, Linguagens e Culturas da Universidade de Stanford desde 1989. Nascido em Wünzburg, Alemanha, especializou-se em sociologia e literatura alemã, tendo obtido seu doutorado em 1971, na Universidade de Konstanz. Foi professor da universidade de Bochum, entre 1972 e 1982, e da Universidade de Siegen, entre 1983 a 1989. Ocupa a cátedra Albert Guérard em Stanford. É amplamente reconhecido pela sua contribuição no campo da Teoria Literária e do Pensamento Moderno que se estende da Idade Média até hoje, tendo incorporado uma variedade de disciplinas e estilos. Suas principais reflexões se relacionam à estética da recepção, às experiências estéticas e materiais, à produção de presença e aos entendimentos culturais que permeiam as relações de mundo. Suas principais obras são: *A modernização dos sentidos* (1998), *Produção de presença* (2004) e *Depois de 1945: latência como origem do presente*, lançado em 2013 e traduzido para várias línguas.